

## ESTÁGIOS



Luiz  
Gonzaga  
Bertelli

### *Ainda longe do ideal*

LUIZ GONZAGA BERTELLI

► Não importa qual o nível ou a faixa etária escolhida, o Brasil continua na lanterna quando o assunto é a educação das crianças e jovens — e a situação ainda é mais grave no ensino básico, que há décadas espera a implementação de políticas realmente eficientes e eficazes. Como exemplo, basta lembrar a evolução do desempenho da Coreia do Sul que, há trinta anos, tinha a mesma média brasileira de escolarização formal de seus trabalhadores: 4,7 anos. Passadas três décadas, a Coreia comemora o salto para uma média de 12 anos, devido ao maciço

investimento no ensino. Já o Brasil mostra um crescimento, no mínimo, tímido. A média de escolarização formal avançou para modestos 6,4 anos (IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2003). O resultado é o que conhecemos: hoje, a Coreia do Sul é um tigre asiático, que está batendo do clube dos países desenvolvidos, e o Brasil ainda tenta se firmar como potência emergente, amargando taxas vergonhosas nas avaliações de desenvolvimento humano, distribuição de renda e qualidade de aprendizado.

Recentemente, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) divulgou os dados do Censo Escolar da Educação Básica 2005, permitindo análises ainda mais desanimadoras, dessa vez a respeito da educação de jovens. A maior parte dos alunos da Educação de Jovens e Adultos é formada por pessoas na faixa etária de 18 a 24 anos, que respondem por mais de 925 mil matrículas. Os estudantes de 15 a 17 anos somam 560 mil, enquanto os que têm entre 25 e 29 anos, 30 e 34 anos e de 35 a 39 anos

*também têm grande participação nessa modalidade de ensino: com 487.723, 405.607 e 345.261 matrículas, respectivamente. Um dos motivos que pode explicar a frequência de jovens na faixa etária inadequada àquela prevista para alunos que frequentam o ensino fundamental é a troca da sala de aula por um emprego, ainda na adolescência, para assegurar um salário complementar à renda doméstica, fato recorrente nas famílias com menor poder aquisitivo.*

*Um outro estudo, esse realizado pela Fundação Getúlio Vargas - FGV/Rio de Janeiro, evidencia maior retorno financeiro para quem estuda mais. De acordo com esse levantamento, a taxa de retorno da escolaridade para a renda individual, no Brasil, é de 16% por série completada. Ou seja, a cada ano na escola, o trabalhador ganhará em média 16% a mais, no futuro emprego, o que confirma que o melhor investimento individual é o estudo. Mesmo sendo salutar voltar à sala de aula, é uma pena que os jovens entre 18 e 24 anos que não*

*cursaram a escola básica na idade adequada tenham perdido também a chance de melhores perspectivas no futuro previstas pelo estudo da FGV.*

*Desde a sua fundação há 42 anos, o CIEE está cada vez mais convencido de que a sua missão é ajudar a construir um Brasil melhor para as novas gerações, lutando pela constante melhora da educação e somando esforços com todos aqueles que elegend a juventude como sua prioridade maior. Por isso, ao lado do incentivo ao estágio do ensino médio, que garante uma bolsa-auxílio para os alunos carentes, também busca atuar na área da educação de adultos, por meio de parcerias com empresas socialmente responsáveis, que decidem contribuir para melhorar a escolaridade de seus funcionários e suas famílias, muitas vezes estendendo esse benefício também às comunidades nas quais se inserem.*

**Luiz Gonzaga Bertelli é presidente executivo do CIEE, da Academia Paulista de História — APH e diretor da Fiesp.**